

A elisão do –r em dissertações escolares: uma abordagem descritiva

Laryssa Máyra de Aguiar Batista

Resumo: Esse estudo tem por objetivo verificar o apagamento do –r no final das palavras na escrita escolar de alunos manauaras. A elisão do -r no final de palavra é um fenômeno comum nas línguas, tendo em vista que a coda é a posição de maior instabilidade dentro da palavra. Na fala manauara, há uma forte tendência de apagamento desse fonema nesta posição, conforme estudos de Picanço e V. Martins (2019) e, por isso, justifica-se a importância de investigar esse fenômeno também na escrita escolar, considerando a presença da oralidade na escrita. Com esse objetivo, realizou-se um estudo de cunho sociolinguístico variacionista, fundamentado em Callou, Moraes e Leitte (1998), Labov (2008), Marcuschi (2010), Pedrosa (2014), Picanço e V. Martins (2019). O corpus de análise se constituiu da coleta de 40 textos dissertativos produzidos por alunos do 8º ano. Da análise, constatou-se que ocorreram 194 palavras em que, pela prescrição da ortografia da língua portuguesa, deveriam aparecer o (r) em final de palavras. Dentre essas, houve 98 realizações (51%) e 96 cancelamentos (49%) dessa consoante na posição de coda externa, evidenciando um equilíbrio entre efetivações e elisões. Houve 59 elisões em textos produzidos por alunos do gênero feminino e 37 do masculino.

Palavras-Chave: Sociolinguística; Variação; Fala e Escrita. Apagamento do –r final de palavra.

Introdução

A forma como a fala é articulada e sua relação com a escrita é um dos focos de estudo da teoria linguística. No dia a dia, em contextos informais, utilizamos a linguagem coloquial, a qual não se preza pela questão da norma padrão da língua, ou seja, uma linguagem que deixa de lado as “formalidades” da língua. Já, na escrita, o contrário se faz presente, uma vez que existe uma preocupação com a normatização da língua, o que se torna prioritário, levando o usuário a se monitorar para representar devidamente a escrita das palavras, ou seja, empregar a ortografia estabelecida para determinada língua.

O aprendizado da ortografia é um dos objetivos do ensino da disciplina de Língua Portuguesa no contexto escolar, considerando que a aquisição da escrita ortográfica é um processo pelo qual o aluno perpassa. Obviamente, nas aulas de língua portuguesa, quando são propostas atividades de escrita, é comum a escrita de palavras com desvios ortográficos, o que pode ocorrer, entre outros motivos, por interferência da fala dialetal do aluno, quando ocorre uma transcrição da fala, ou seja, uma representação de como se articula a palavra, ou devido à escrita empregada em outros meios de produção escrita, como redes sociais, por exemplo, ou até por deficiência de aprendizagem em séries anteriores.

A fala é o uso natural da língua e, conforme acrescenta Marcuschi (2007, p.18), “mais do que uma decorrência de disposição biogenética, o aprendizado e o uso da língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização”. Nesse sentido, o indivíduo como membro de uma comunidade linguística internaliza a gramática da língua praticada por seu grupo sociocultural, com suas variações regionais, sociais, etc. e utiliza esse conhecimento para se expressar e, a partir dele, é que amplia seus saberes linguísticos.

Nos estudos da variação linguística do português falado em Manaus, Picanço e V. Martins (2019) investigam o (r) em posição de coda. Essa posição silábica, conforme os autores afirmam: “[...]é o constituinte silábico universalmente mais frágil. [...]” (p. 50). E acrescentam: “como um dos segmentos codais do português, o (r) manifesta em grau variavelmente avançado o processo de cancelamento.” (ibidem). Neste estudo, Picanço e V. Martins (2019, p. 72) verificaram o cancelamento do –r em coda silábica interna e externa, analisando a ocorrência da consoante em amostras de 28 informantes, extraídas do banco de dados do projeto FAMAC. Como resultados apontaram que “o apagamento da consoante –r é amplamente correlacionado à posição final de palavra, sendo que se verificou o cancelamento em 6,89% em coda interna de um conjunto de 2755 palavras e, em coda externa, esse apagamento aumentou para 85,77 palavras de um corpus de 4.906 itens (p. 62)”.

Considerando esses resultados que evidenciaram que no português falado pelo manauara há uma alta frequência de não realização do –r na posição final de palavra, torna-se importante investigar se essa variação dialetal presente no português falado em Manaus tem também repercussão na escrita de alunos manauaras em processo de finalização do ensino fundamental.

Com esse intuito, este trabalho analisa 40 dissertações de estudantes do 8º ano de ensino fundamental de uma escola da rede estadual de educação do estado do Amazonas, na cidade de Manaus, com o objetivo de verificar a problemática de elisão do –r no final de palavras presentes nesses textos, fazendo uma reflexão da variação entre a fala e escrita no contexto do ensino básico, sobretudo na aplicação de atividades de produção escrita. Para isso, norteia-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008) e a da variação Fala x Escrita descrita por Marcuschi (2010). Na sequência, apresenta-se um breve histórico da Sociolinguística Variacionista, abordando os princípios da variação e mudança linguística; Discute-se a relação entre fala e escrita e o fenômeno fonético-fonológico de apagamento do –r em posição final da palavra. Na sequência, são apresentados os procedimentos metodológicos e, por fim, a análise dos dados.

1. Sociolinguística variacionista: Breve histórico

A Sociolinguística é definida por Coelho et al. (2015, p. 14) como a área da linguística que estuda a relação entre a sociedade e a linguagem, e que tem sido conhecida como Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Laboviana, Sociolinguística Quantitativa ou ainda Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM).

Coelho et al. (2010, p. 13) descrevem que os estudos da sociolinguística se iniciaram no século XX, no período em que predominavam as abordagens de estudos sobre a linguagem de vieses estruturalistas, iniciados por Ferdinand de Saussure, e gerativistas, decorrentes das propostas teóricas de Noam Chomsky. Conforme os autores supracitados, Saussure inaugura a linguística moderna, delimitando e definindo seu objeto de estudo, estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem. O linguista suíço é considerado o precursor da corrente linguística denominada estruturalismo, segundo a qual a língua:

(i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos;

(ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos.

Ou seja, para Saussure, a linguística tem por único e verdadeiro objeto de estudo que é a língua considerada em si mesma e por si mesma (COELHO et al. 2010, p. 14-15).

Ainda conforme descrevem os autores supracitados, Saussure também traz em seus estudos as principais dicotomias:

- a) Langue e parole – a langue é homogênea e social, um sistema de signos, um “tesouro” depositado, pela prática da fala, no cérebro dos falantes; é essencial. Já a parole é um ato individual de vontade, é heterogênea, manifestação concreta da langue; é acessória e acidental. O objeto da linguística, para Saussure, é a langue.

b) Sincronia e diacronia – correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua Sociolinguística como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico. É a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua. (COELHO et al. 2010, p.14)

Ainda no contexto relacional ente as dicotomias, o linguista suíço estabelece uma relação ente elas:

- (i) os fenômenos variáveis não são visíveis na langue (que é social), mas na parole (que é individual);
- (ii) a evolução/mudança se dá em alguns elementos e isso é suficiente para que ela se reflita em todo o sistema;
- (iii) o falante não tem consciência das mudanças que ocorrem entre os estados (os recortes sincrônicos) da língua. (COELHO et al.2010, p.14)

Noam Chomsky, na década de 1960, estabelece-se como o precursor da corrente linguística gerativa, em contrapartida ao estruturalismo de Saussure, precursor da corrente estruturalista, e à linguística distribucionalista blomfieldiana. Chomsky traz a seguinte concepção de língua (COELHO et al.2010, p.14):

- (i) é concebida como um sistema de princípios universais;
- (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. O que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais.

Nesse contexto de estudos linguísticos, ainda nos anos 1960, nos Estados Unidos, a Sociolinguística despontou como uma divisão dos estudos da linguagem com William Labov. A contribuição de Labov para a Sociolinguística Variacionista partiu de estudos anteriores que, diferentemente da pressuposição teórica de Saussure, visavam a uma concepção social da língua. Essa visão da língua retoma Antoine Meillet (1866-1936), linguista francês, que trazia em seus estudos, o caráter social e evolutivo da linguagem. Segundo o teórico, “Por ser a língua um fato social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921 apud CALVET, 2002, p. 16).

Ainda nessa mesma concepção sobre a língua, cita-se Nicolai Marr (1865-1934) que afirma que todas as línguas do mundo têm uma mesma origem, são instrumentos de poder e refletem a luta de classes sociais. Também Mikhail Bakhtin (1895-1975) que propõe uma crítica à perspectiva estruturalista abstrata, isto é, à visão de Saussure para o estudo da linguagem, e defende uma visão da língua que focalize o aspecto da interação verbal de forma contextualizada, afirmando: “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra” (BAKHTIN 1988 [1929], p. 147).

Willian Labov fundamenta a chamada Teoria da Variação e Mudança Linguística, nomenclatura essa que também é referente à Sociolinguística Laboviana. O teórico inicia seus estudos com a variação do inglês dito “não padrão”, partindo da coleta de dados por núcleos sociais de baixa referência social. Desse modo, desmistifica o pensamento de que a “privação e pobreza linguística” são causas para que se possua uma discriminação a blocos sociais que não possuem instrução quanto ao ensino de qualidade. Com o desenvolvimento de suas pesquisas, o teórico Labov (2008, p.168-169) descarta a questão da deficiência linguística, pois os resultados preliminares de estudos com crianças, por exemplo, verificou-se que mesmo com a fraca instrução educacional, as crianças tinham uma percepção linguística equivalente à das crianças da classe social privilegiada. A partir desses estudos labovianos, a Sociolinguística se institui como um campo de estudo importante para a pesquisa linguística.

2. Sociolinguística: Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Sociolinguística como fundamento teórico tem como pressuposto analisar a língua em seu meio societário. Nesse contexto, fatores como faixa etária, região de moradia, escolaridade, etc., são determinantes da variação e mudança linguística e, por isso, nessa abordagem, tem-se como método a coleta de informações da fala de um indivíduo ou de um grupo social.

Coelho et al. (2010, p. 15) pontua, como essência fundamental da sociolinguística, o entendimento de comunidade da fala de acordo com o que postula Labov (2008, p. 221-222), o qual afirma que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística. Além disso, o teórico ressalta que a comunidade de fala não possui definição quanto ao uso de elementos da língua, mas pela participação em conjunto com normatizações de forma compartilhada.

Para Labov (2008, p. 215), a língua não é apenas um meio de informação, mas uma maneira de inserção de um indivíduo num determinado grupo social. O autor considera que as ideias oriundas sobre o estudo da linguagem é a própria interação e integração do indivíduo no meio social, pois a língua faz parte de um grande esquema de estudo da linguagem nos diversos aspectos sociais, que por sua vez, são elementos indispensáveis no processo de interação no meio social no qual o indivíduo passe a praticar a interação.

Monteiro (2000, p.13), ao fazer um estudo de compreensão à visão sociolinguística de Labov, observa que a língua costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que se faz parte. Da mesma forma que o autor avalia as concepções de Labov sobre a língua, ele também resgata as considerações de *Langue e Parole* (Língua e Fala) de Saussure. Para Monteiro, Saussure, ao discutir sobre essa dicotomia, chegou a não saber como dar conta dos fatos do discurso (fala), em virtude do caráter multiforme e heteróclito de sua definição. Em contrapartida, a língua, por ser um sistema rígido por leis próprias, possui o caráter homogêneo.

A fala é o objeto de estudo da Sociolinguística. Labov passa a priorizar o caráter ‘consciência’ da expressão dos falantes em relação às normas gramaticais utilizadas pelo grupo no qual está inserido para caracterizar uma comunidade de fala. Para ele, os componentes de uma comunidade de fala não têm que se expressar da mesma forma; apenas compartilham uma nova forma de caracterização particular da comunidade de fala que se encaixam. Logo, Labov(2008, p. 219) sustenta, como conclusão de seus estudos sobre comunidade de fala realizados em Martha’sVineyard, que a língua não é homogênea, como Saussure defendia, mas sim heterogênea. Nesta esteira teórica, Monteiro (2000, p.14-15) cita Amusategi (1990) para definir comunidade de fala como: “um grupo cujos membros têm pelo menos em comum uma variedade e compartilham acordos, regras ou normas para seu emprego correto”.

- Dessa concepção, o estudo sociolinguístico da linguagem estabelece os seguintes conceitos fundamentais, conforme Coelho et al. (2015, p.17): conceito de variação linguística: processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial-representativo, isto é, com o mesmo significado;
- Conceito de Condicionadores: fatores que regulam, que condicionam as escolhas entre uma variante e outra;

O Conceito de variação abarca os conceitos de Variedade, Variação, Variável e Variante. O primeiro diz respeito à questão característica da fala de um grupo social. A identificação da variedade ocorre nos seguintes aspectos: geográfico, social, sexo/gênero, ocupação/função ou alguma atividade na qual um grupo social possa ser reconhecido. A variação se encaixa pelo enquadramento de formas concorrentes num mesmo contexto em que são identificadas e são classificadas como: variação regional ou geográfica (diatópica), variação social (diastrática), variação estilística (diafásica), variação na fala e na escrita, sendo esta última, foco deste artigo.

A variação diatópica ou geográfica, para Coelho e Görski (2009, p.75), tem como foco principal as diferenças linguísticas entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país ou oriundos de diferentes países. Podemos exemplificar essa variação com os falares das várias regiões do Brasil (Sul, Norte e Nordeste), ou ainda entre o português do Brasil e de Portugal, no que se chama a atenção, por exemplo, as pronúncias palatais do /t/ e do /d/ antes de /i/ tônico e átono, como em ‘tia’ [tʃia] e ‘dia’ [dʃia] e a semivocalização do /l/ final de sílaba de palavra como em ‘carnaval’ [karnaβaw] presentes em falares do português brasileiro, diferentemente do português de Portugal, língua dos colonizadores e disseminadores desse idioma.

A variação social ou diastrática, conforme explicam Coelho e Görski (2009, p.76), tem como foco fatores que envolvem a forma de organização socioeconômica e cultural da comunidade, tais como a classe social, o sexo, a idade, o grau de escolaridade, a profissão do indivíduo, etc. os quais são componentes indispensáveis para análise de dados. Um exemplo considerado clássico para as autoras é a vocalização do -lh- > -i- como em *mulher/muié* e a rotacização do -l- > -r- em encontros consonantais como em *blusa/brusa*, forma muito utilizada nas redes sociais ao se referir ao diminutivo de blusa (blusinha) que passa a ser “brusinha”.

A última variação, a estilística ou diafásica, manifesta-se em diferentes situações comunicativas do nosso cotidiano. Em contextos socioculturais que exigem maior formalidade, Coelho e Görski (2009, p. 77) observam que o indivíduo ou grupo de indivíduos usam uma linguagem mais cuidada e elaborada – o registro formal; em situações familiares e informais, utiliza(m) uma linguagem coloquial – o registro informal. Concluindo que, na prática, o que se verifica é que as situações cotidianas de interação são permeadas por diferentes graus de formalidade, mais do que por uma oposição polarizada. Ressaltam ainda que a variação estilística é regulada pelos domínios em que se dão as práticas sociais (escola, igreja, lar, trabalho, clube, etc.), pelos papéis sociais envolvidos (professor-aluno, pai-filho, patrão-empregado, etc.), pelo tópico (religião, esporte, brincadeiras, etc.). O grau de variação será maior ou menor dependendo desses fatores.

Acerca da variável, Coelho et al.(2015, p.14) ressaltam a divisão intralinguística e extralinguística. A primeira diz respeito à categoria gramatical, isto é, aos condicionadores de natureza interna de ordem fonológica, morfológica e/ou sintática. Já a variável extralinguística aborda condicionadores sociais como sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, etc. Os autores ainda explicam o conceito de variante, que diz respeito às formas individuais coexistentes que têm por resultado o mesmo contexto de uma variável, além de destacar dois pontos relevantes:

- i) são formas intercambiáveis no mesmo contexto;
- ii) mantêm o mesmo significado referencial/representacional.

Os autores ainda elencam os níveis de variação, a saber: lexical; fonológica; morfofonológica, morfológica e morfossintática; sintática e discursiva.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM), postulada por Labov, tem como foco de estudo a variação e mudança da língua no contexto social dentro do que se chama de comunidade de fala. A língua, vista pelos sociolinguistas, passa a ter uma caracterização dotada de “heterogeneidade sistemática”, um importante fator na identificação e catalogação de grupos sociais. O domínio de estruturas ditas heterogêneas é considerado parte essencial da competência linguística do indivíduo.

Lucchesi (2012, p. 36 apud. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) cita pontos em que o Estruturalismo saussuriano se tornou incapaz de dar uma posição teórica para o fato empírico da mudança linguística, sobretudo na questão variacional. A contradição entre o sistema e a mudança cria um dos pontos de ruptura epistemológica, onde se aprofunda na década de 1960 de acordo com o Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista:

- (i) A língua funciona enquanto muda.
- (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada.

(iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis.

(iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança).

(v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua.

(vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua.

A Sociolinguística também afirma que o sistema heterogêneo é uma expressão de competência linguística. Segundo advoga Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968], p. 36), devido à variação não se restringir apenas ao ato da fala: "nós defenderemos que o comando nativo das estruturas heterogêneas não é matéria de multidialectalismo ou de "mero" desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue"

3. Variação Linguística: Fala x Escrita

Segundo Marcuschi (2010, p.15), atualmente, é impossível esmiuçar a fala e escrita sem considerar o papel destas duas faculdades da linguagem como desempenho da civilização humana. Mais do que uma simples dicotomia, fala e escrita são concebidas como uma nova opinião sobre a língua, como um conjunto de práticas sociais.

A fala e a escrita possuem diferenciações relevantes, próprias; apesar de se utilizarem o mesmo sistema linguístico, não podem ser vistas como uma dicotomia. De acordo com Marcuschi (2010, p.17) "sob o ponto de vista central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve". Porém, não significa dizer que uma modalidade é mais importante que a outra. A escrita não deve ser vista com a idealização da fala, pois não possui características próprias como gestualidade, prosódia, movimento dos olhos, do corpo. Da mesma forma, a escrita tem elementos como cor, tamanho da letra que são representados de forma gráfica.

A escrita não pode ser vista como uma representação da fala, devido ao fato de não conseguir reproduzir todos os sons do ato da fala. Conforme o autor supracitado, os fenômenos da oralidade, os movimentos que fazemos com o corpo e com os olhos e demais outros tipos de expressão auxiliam na construção do sentido de mensagem a ser transmitida ao interlocutor. No entanto, a escrita apresenta características que não se encontram na fala, como a forma e o tamanho. Percebe-se que oralidade e escrita são práticas de usos da língua que utilizam o mesmo sistema linguístico.

Koch (2015 p. 16) desenvolve em uma tabela a diferenciação entre a variação de fala e escrita, ressaltando as características de cada uma:

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Predominância do 'modus pragmático'	Predominância do "modus sintático"
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases completas com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Pouca nominalização	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Segundo a autora citada acima, essas características não são exclusivas de uma ou outra modalidade. Tais peculiaridades eram estabelecidas tendo como parâmetro o ideal da escrita, o que leva a um olhar estereotipado da fala, como rudimentar, pouco organizada e comparada a sociedades primitivas.

Além disso, Koch (2015, p. 18) ressalta que a criança, quando chega à escola, já domina a modalidade oral e que, quando esta criança entra em contato com o letramento, tem que se adaptar às regras da escrita. Por este motivo, os textos apresentam traços da oralidade em que a criança transcreve exatamente como está acostumada a falar.

Faraco (1992 apud Carriel e S. Martins 2017, p. 435) informa a importância de se ensinar ao aluno as correspondências entre a escrita e a fonologia da língua, para que a criança tenha um bom entendimento destas faculdades logo ao iniciar o processo de letramento. Se faz necessário explicar isso à criança para que ela entenda desde cedo que há certos sons em que suas correspondências com as letras admitem mais de um tipo de representação gráfica. Desta forma, ela começa a compreender a diferença entre a maneira como se fala e como se escreve. Este mesmo entendimento é consolidado por Morais (2010, apud Carriel e S. Martins 2017, p. 436) em que a autora enfatiza que “[...] a curiosidade sobre questões ortográficas deve ser estimulada e transformada em objeto de discussão eventual sempre que os alunos atentem para complexidades de nossa escrita alfabética, desde a etapa de educação infantil”.

Ainda sobre as correspondências de fala e escrita, Zorzi (2003) e Morais (2007 apud SENE, p. 104), advertem os professores sobre as convenções ortográficas que não devem se basear unicamente na memorização de vocábulos que os alunos tenham dificuldade. Segundo os autores, esta ação interfere somente na memória de curto prazo desses aprendizes e não colabora com os questionamentos quanto à escrita das palavras que a criança precisa saber para escrever um texto. “O ideal seria, portanto, ações pedagógicas que objetivem a reflexão sobre as convenções ortográficas”.

4. Apagamento do /r/ em posição de coda silábica: Comentários gerais

Segundo Linares et al. (2008), a questão do fonema /r/ na língua falada é vasta e promove amplos estudos, devido à caracterização de polimorfismo. Por ser um fato recorrente, esse fenômeno linguístico é assim descrito:

O apagamento do R em posição de coda, em final de palavra, é um fenômeno antigo no português do Brasil. O processo, em seu início, foi considerado uma característica dos falares incultos e, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno expandiu-se paulatinamente, sendo hoje comum na fala dos vários estratos sociais. [...]

A perda do R final tem sido avaliada sob ângulos diversos: um, que a considera uma pronúncia estereotipada, ainda demarcador social, com indícios de recuperação, inclusive em hipercorreções (Houaiss, 1970); outro, que prediz sua completa perda em dialetos não-padrão (D'Arc, 1992).

De acordo com a literatura que estuda o apagamento do /r/ final em textos orais/escritos, Callou, Moraes & Leite (1998) abordam que este não é um fenômeno que começou nos dias atuais e que já tinha sido registrado nas peças de Gil Vicente, por exemplo, ainda no século XVI, na fala dos negros escravos e caracterizado como um falar não culto.

A ausência da consoante -r nos textos escritos representava a fala das pessoas comuns, de aspecto não prestigiado, enquanto que a fala dos portugueses, considerados cultos e prestigiados, era marcada com o /r/ final no seu registro. Os linguistas supracitados afirmam que os fenômenos sociais estão relativamente ligados aos fenômenos linguísticos e as falas dos negros, por meio do apagamento do /r/ em posição final, ilustram e demonstram uma mudança “de baixo para cima”.

Segundo Beline (2014), a partir do fenômeno variável do apagamento do /r/ no português brasileiro, haverá falantes que vão ocultar o /r/ com grande frequência enquanto que outros vão apresentar diferentes taxas de apagamento. Para o autor, ao explicar sobre essa “regra variável”, deve-se atentar para a frequência com que falantes (individualmente ou em grupo) apagam o /r/ em diferentes contextos e outros em variação independente.

Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p. 54) explicam sobre a variação quando esta não está prevista no aspecto da escrita quando:

Uma língua já venceu os estágios históricos da sua codificação. A uniformidade de que a ortografia se reveste garante sua funcionalidade. Toda variação fonológica de um discurso oral (inclusive e principalmente a de natureza regional) se reduz a uma ortografia fixa e invariável, cuja transgressão não é uma opção aberta para o usuário da língua.

Mollica (2003, p.23) afirma que quase todos os processos fonológicos variáveis estão refletidos na escrita, mas não são simultaneamente em todo o vocabulário possivelmente afetado. Para a autora, “[...] fatores de ordem social influenciam também na quantidade de tais registros, especialmente os referentes ao perfil sociolinguístico do falante aprendiz da escrita”.

Relacionar o apagamento do -r em coda com o processo de aquisição da escrita é importante, pois os alunos ainda estão se familiarizando com as peculiaridades ortográficas e consideram que a escrita é uma transferência da fala. Segundo Pedrosa (2014, p.57), o processo de escrita é mais difícil para a criança, pois a Língua Portuguesa possui dois tipos de organização. Um se baseia na gramática normativa e o outro na relação que há entre a fala e a escrita. Sendo assim, essa criança precisa organizar mentalmente esses dois tipos de sistemas, sendo que um vem de conhecimento adquirido e o outro ela só terá acesso a partir da alfabetização.

Porém, para a criança, não é uma tarefa muito fácil relacionar esses dois sistemas, principalmente quando sabemos que existem palavras que possuem mais de uma forma de escrita para um único som. Para isso, é necessário que o professor seja um facilitador no processo de ensino-aprendizagem, visando fechar as lacunas deixadas por um ou outro sistema, de forma que a criança consiga ter um domínio total sobre ambos.

Para Hora e Pedrosa (2008 apud PEDROSA, 2014, p. 67), as codas são fenômenos variáveis, sendo que as codas /l/ e /r/ têm aspectos aproximados, já que há uma tendência ao seu apagamento, especialmente no final de palavra, pois o ponto de coda final facilita a elisão em prejuízo da sua aspiração. Desta forma, é notável que alguns ora representem a coda com o -r, ora não, o que reflete o desaparecimento no final da palavra.

Segundo Picanço e V. Martins (2019, p.54) a fricativa laríngea, chamada de fricativa glotal [h], é característica no falar do manauara. Essa fricativa resulta de um processo de enfraquecimento consonantal, comumente visto na linguagem dos falantes de Manaus.

Picanço e V. Martins (2019) citam Oliveira 1983, p. 56, que aprecia a ocorrência da variante -r na fonética e concebe sua exclusão em 70% na posição final das palavras, no dialeto belo-horizontino, destacando que esse fenômeno é uma característica proveniente principalmente em verbos e em nomes. O acontecimento efetiva-se principalmente quando o -r é precedido de vogal e em nomes não monossilábicos.

Picanço e V. Martins (2019, p. 64), em sua pesquisa sobre o falar do manauara, constata que “o desaparecimento do (r) final encontra-se em estágio avançado na categoria verbal e, na classe de itens gramaticais, em situação intermediária, distinta”.

5. Procedimentos Metodológicos

Os dados deste estudo foram obtidos através de uma pesquisa realizada em uma escola pública da cidade de Manaus, em que todos os alunos eram adolescentes estudantes do Ensino Fundamental, da faixa etária entre 13 e 16 anos, sendo 22 meninas e 18 meninos.

As produções escritas foram adquiridas por meio de uma proposta de elaboração de um texto dissertativo com a temática “Redes sociais: aproximam ou afastam?”, tendo como base uma aula sobre o assunto ministrada por essa pesquisadora. Por meio desta temática, os alunos puderam discorrer sobre o assunto e, desta forma, foi adquirido o material para a análise.

6. Análise e Discussão dos Dados

Nesta seção, apresentam-se os resultados da análise do cancelamento do –r em posição final da palavra. Foram analisados 40 textos dissertativos produzidos por alunos de três turmas do 8º ano de uma escola pública da cidade de Manaus.

6.1 Realizações e Cancelamentos do –r no final da palavra

Na análise, foram verificados a totalização de realizações e cancelamentos do (r) no final de palavras, a partir do corpus constituído pelas 40 dissertações escolares dos alunos de 8º ano. Nestes textos, ocorreram 194 palavras em que, pela prescrição da ortografia da língua portuguesa, deveriam aparecer o (r) em final de palavras. Dentre essas, houve 98 realizações (51%) e 96 cancelamentos (49%) dessa consoante na posição de coda externa.

Para analisar esse resultado que evidencia um equilíbrio entre a realização e o cancelamento, devem ser levado em conta dois fatos. O primeiro diz respeito à oralidade deste falante. Percebe-se que os alunos ainda estão no processo de aquisição da escrita, por isso, muitos deles se baseiam na oralidade como apoio para a maneira como escrevem. Nesse caso, na fala manauara, conforme apresentado por Picanço e V. Martins (2019, p. 63), há uma forte tendência à elisão do (r) principalmente na coda externa da palavra. Os autores apresentam um resultado de 85,77 cancelamentos do (r) na coda externa. Logo, fica evidente a forte influência da fala na escrita desses estudantes manauaras.

Conforme Zorzi (1998, p.49), a reprodução da fala na escrita é muito frequente. O autor afirma que “o segundo tipo de alteração mais frequentemente observado nas crianças está ligado ao uso de referências de produção de linguagem oral, na determinação dos modos de produzir escrita”. Ainda segundo o mesmo autor:

[...] O uso das convenções ortográficas para escrever não parece ser uma característica ou algo que seja facilmente apreendido pelas crianças. O problema não parece estar resumido simplesmente em memorizar a forma de escrever as palavras. Parece ser necessário que a criança compreenda a diferença entre falar e escrever e que não se escreva exatamente como se fala.

O que se pode observar no corpus analisado, é que os alunos estão reproduzindo a escrita igual a forma falada, trazendo assim uma problemática trivial que deve ser tratada na sala de aula. De acordo com Pedrosa (2014, p.57), isto se justifica pela dificuldade que a escrita representa para o jovem que está aprendendo a escrever. A autora ainda nos transmite que isto acontece porque “a criança precisa sistematizar dois conhecimentos: um que pode fazer uso de conhecimentos prévios advindos da oralidade e o outro que só terá conhecimento a partir da alfabetização”.

O segundo fator diz respeito à representatividade do (r) em posição codal. O (r) falado na região Norte do país é, segundo Picanço e V. Martins (2019, p. 55), a fricativa laríngea ou chamada de fricativa glotal (h). Esta mesma fricativa é fraca em relação à sonoridade e resulta de um processo de enfraquecimento consonantal.

O que se pode testemunhar, neste contexto, é que este enfraquecimento é comum na linguagem dos falantes de Manaus. Por este motivo, ela é facilmente elidida do final das palavras, o que corrobora os dados encontrados nas dissertações escolares.

6.2 O fator Classes de palavras: verbos e substantivos

Quanto ao fator linguístico classe de palavras, verificou-se se esse é favorável ou não ao cancelamento do (r) na coda externa de palavras. No corpus, analisaram-se os substantivos e os verbos quanto ao fenômeno investigado.

Em referência aos substantivos, ocorreram nos textos apenas as palavras **celulare** (ao) **redor** em conformidade com o fenômeno linguístico estudado. A primeira, **celular** teve a ocorrência 19 vezes nas 40 redações, sendo que em 9 vezes apresentou escrita com o -r elidido, tais como:

Aluno 4. [...] me ignora quando eu falo com ela efica no celula e deixa de converça [...].

Aluno 22. [...] eu vou da um tempo do célula [...].

Em sua maioria, o -r final foi descrito de acordo com a norma gramatical convencional nas escolas, porém em outros textos, esta palavra foi escrita com o apagamento do -r, como **célula** ou **celula**. Em contrapartida, o substantivo “(ao) redor”, que se realiza no contexto de um sintagma preposicional, foi citado apenas 2 vezes na totalidade de textos, em um texto de estudante do sexo masculino e outro do feminino. Em ambas as ocorrências, a palavra foi descrita com a elisão do (r) no final da palavra, ou seja, grafado como **redo**.

Oliveira (1983 apud Picanço e V. Martins p. 56) foi o primeiro a analisar o cancelamento do (r) em verbos e nomes. Nessa investigação, o linguista verificou que “o apagamento é confirmado quando o [r] é prévio a vogais [acentuadas] e seguido por segmentos vozeados e nasais, em nomes não monossílabos”. No caso dos resultados que obtivemos, os dois substantivos em que se observou o cancelamento da consoante em estudo são não monossilábicos.

Já na classe verbal, constatamos que o apagamento aconteceu nos verbos da 1ª e 2ª conjugações. As efetivações do –r aconteceram em 174 vezes, destes ocorreram 87 cancelamentos, sendo 78 em 1ª conjugação e 8 em 2ª conjugação verbal. Em sua totalidade, obteve-se como maioria os verbos de 1ª conjugação, tendo em vista que estes verbos são os mais utilizados, por se concentrarem a maioria deles. Callou, Moraes & Leite (1998 apud Picanço e V. Martins 2019, p.57) nos mostra o que eles constataram sobre o projeto NURC “Em posição final, os fonólogos também distinguiram verbos e nomes na análise do fenômeno (elisão do –r)”.

Picanço e V. Martins (2019, p.) sobre o apagamento do –r em verbos e nomes: “A classe verbal assume primazia no cancelamento do (r). [...] Na sequência, em etapa menos avançada que os verbos diante do processo, a categoria dos nominais apresenta quase 80% da queda, contra 16% de realização da consoante”. Ou seja, os verbos são mais suscetíveis a esta mudança, principalmente quando são precedidos de vogais tônicas.

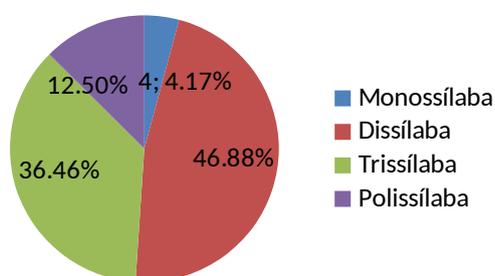
Ainda quanto aos verbos, analisou-se suas ocorrências em perífrases, tais como:

Aluno 10. [...] conversa com a família, que pode esta longe [...].

Aluno 22. [...] ela pode deixa uma pessoa avesiada [...].

Foram 42 ocorrências dentro das dissertações, sendo 29 em textos do sexo feminino (69%) e 13 (31%) do sexo masculino. Na totalidade de perífrases encontradas nos textos, considerando o fator sexo/gênero, ocorreram 16 apagamentos em textos produzidos pelo sexo feminino e 7 pelo masculino. O que nos remete ao que disseram os autores Callou, Moraes & Leite (apud Picanço e V. Martins 2019 p. 57), que as mulheres têm uma incidência maior de apagamentos, tanto em verbos como em nomes dentro dos contextos apresentados. O que vai de encontro com as diversas pesquisas em que as mulheres aparecem com a realização das palavras de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.

Ainda falando sobre verbos, atestou-se que o número de sílabas é um fator significativo para favorecer ou não a elisão do (r) na posição de coda externa. Num total de 87 cancelamentos verbais, 45 eram dissílabos, 35 trissílabos, 13 polissílabos e somente 4 eram monossílabos. Trazendo assim os dados:



Neste caso, verifica-se no gráfico a despeito dos textos aqui analisados, que são: 4% monossílaba, 47% dissílaba, 36% trissílaba e 13% polissílaba, respectivamente.

Gênero Masculino/Feminino

Em referência ao fator social sexo/gênero, no corpus de 194 palavras, foram registradas 96 elisões do (r), as quais correspondem a 49% do total. Dessas, 59 foram em textos do sexo feminino e 37 do masculino. Esse resultado demonstra uma liderança das mulheres quanto ao apagamento do (r) na posição de coda externa, conforme se apresenta na tabela abaixo.

	Ocorrência/Elisão	%
Mulheres	96/59	61%
Homens	96/37	39%

Esses resultados na escrita demonstram que os estudantes do sexo masculino lideram o processo de aquisição ortográfica em relação ao feminino.

Podemos ainda destacar a faixa etária desta comunidade de fala, que varia entre 13 a 16 anos. Este dado também é importante uma vez que corroboram com Picanço e Martins (2019) que, ao analisarem a fala manauara, demonstraram que o maior número de apagamentos ocorre na faixa mais jovem. No caso da fala, evidencia como o traço de apagamento do (r) está mais presente na juventude manauara. E, por focalizarmos a escrita de jovens, esse fator demonstra que, nesse grupo social em que a não realização do (r) final é uma característica dialetal, há uma maior suscetibilidade de interferência dessa fala na escrita, considerando que a aprendizagem da ortografia está em processo de consolidação.

Considerações Finais

Este estudo evidencia a reflexão que o aprendiz faz da relação entre a fala e a escrita da língua. Ao chegar à escola, o aluno já domina uma variedade do português e inicia seu processo de aquisição da escrita e a representação gráfica sofre a interferência da variedade da língua falada pelo aluno. Para a criança, não é uma tarefa muito fácil relacionar estes dois sistemas, principalmente quando sabemos que existem palavras que têm mais de uma forma de escrita para um único som. Por conta disso, é necessário que o professor seja um facilitador no processo de ensino-aprendizagem, visando fechar as lacunas deixadas por um ou outro sistema, de forma que a criança consiga ter um domínio total sobre ambos.

Algumas regras precisam ser compreendidas enquanto que outras devem ser memorizadas. Faz-se necessário conceber essa distinção no processo de aprendizagem, levando em consideração as particularidades que cada dificuldade apresenta neste processo.

Desta maneira, é imprescindível que o professor de Língua Portuguesa tenha uma formação continuada, sempre se aperfeiçoando e buscando a melhor forma de mediar a aprendizagem do aluno, ensinando-o a sistematizar essas duas variantes, para que o estudante possa aprender a relacionar as questões de som e escrita das palavras, diferenciando e avaliando-as, para que consiga realizar de forma satisfatória, o domínio sobre a linguagem falada e escrita.

Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 121-140.
- BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. *Language*, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *Revista D.E.L.T.A.* [on-line], São Paulo, vol. 14, n. especial, 1998.
- CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- COELHO, IzeteLehmkuhl [et al.]. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- _____. *Para Conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____; GÖRSKI, Edair Maria *Variação Linguística e Ensino de Gramática*. UFSC, 2009.
- D'ARC, J. (1992). *Difusão lexical na vibrante final*. LETRAS/UFRJ. Dissertação de Mestrado.
- SENE, Marcus G. (2018). *Os desvios ortográficos em redações do Ensino Fundamental II: descrição, análise e atitudes linguísticas dos professores*. LETRAS/UNESP Araraquara. Dissertação de Mestrado.
- KOCH, IngedoreGrunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LINARES, A. et al. Apagamento do /r/ em final de palavras: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular. Anais do CELSUL 2008

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. In: Estudos Linguísticos, São Paulo, 41 (2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. Da linguagem coloquial à escrita padrão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. Para Compreender Labov. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

NOBRE, Lucélia Lopes. Influência da Linguagem Oral na Escrita. Artigo de conclusão de curso. UFGRS, 2011.

PEDROSA, Juliene Lopes. Variação fonético-fonológica e ensino de português. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). Ensino de português e sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2014, p. 57-79.

PICANÇO, Heitor. MARTINS, Valteir. O (r) em coda silábica na fala manauara. In: ARAUJO, Jussara Maria Oliveira. MARTINS, Silvana Andrade. MARTINS, Valteir. (Orgs.). A fala manauara: documentação e análise linguística dos fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus. Manaus (AM): Editora UEA, 2019, p. 50-77.

SILVA, Marilza Carriel Amaro Da. MARTINS, Silvana Andrade. A programação neurolinguística aplicada ao ensino da ortografia: um estudo no âmbito do ensino fundamental. In: NARZETTI, Claudiana. NEVES, Aline C. O. das. (Orgs.). Iniciação á docência: a experiência do PIBID/UEA na articulação teoria-prática no ensino básico. Araraquara: Letraria, 2017, p. 430-456.

ZORZI, Jaime Luiz. Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].